



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## A PROPÓSITO DOS "ROTEIROS DOS TESOUROS".

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1888 | Número: 5

---

### Como citar este documento:

SARMENTO, Francisco Martins, A Propósito dos "roteiros dos tesouros". *Revista de Guimarães*, 5 (1) Jan.-Mar. 1888, p. 5-11.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# A PROPOSITO

DOS

## « ROTEIROS DE TESOUREOS »

---

A crença nos thesouros escondidos está profundamente arraigada no nosso paiz, e no Minho rara será a freguezia, que não possua um ou mais logares, afamados pelas suas encantadas riquezas.

Nem a crença popular nos mysteriosos thesouros é infundada, como muita gente suppõe, nem foi á tôa que taes e taes logares adquiriram a reputação que hoje têm. Os celebres « roteiros » de thesouros fornecem elementos bastantes para resolver satisfatoriamente estas e outras questões, de mais interesse do que parece para os investigadores da antiguidade, e é por isso que vamos dizer algumas palavras a respeito do « Roteiro de D. Felix <sup>1</sup> », na certeza de que todos os documentos da mesma especie obedecem a uma mesmissima inspiração.

\*

Vejamos primeiro quaes os sitios apontados como minas de thesouros. São: os Castros — as Fontes — os Penedos com taes e taes signaes — as Mesquitas — os recintos limitados por *marcos fincados* — as covas cobertas com pedras — as mador-

---

<sup>1</sup> O titulo completo é: « Roteiro dos Thesouros, que deixarão os Mouros, tirado d'um livro dos proprios thesouros, que mandou fazer D. Felix, Rei Mouro ».

ras — as covas forradas com tijolos — as pias, os caixões em penedos.

Examinando agora a natureza d'estes monumentos e a civilização, a que podiam pertencer, já ficamos habilitados para entrevêr, se elles podiam e podem ainda produzir thesouros, e que qualidade de thesouros.

*Os Castros.* — Os Castros são, como se sabe, as antigas povoações lusitanas, abandonadas na sua quasi totalidade, depois que a dominação romana as tornou inteiramente inúteis, como logares de defeza, e insupportavelmente incommodas, como logares d'habitação.

*As Fontes.* — Conhecemos muitas « fontes de thesouros », abrigadas por uma especie de nicho, mais ou menos amplo, e exactamente semelhante ao que abrigava uma fonte, hoje sécca, no alto da Citania. Por isso e por outras rasões é para nós cousa certa que as « fontes de thesouros » são coevas dos Castros e que os objectos ahi encontrados não passam d'offereudas ás divindades pagãs, que as tinham sob a sua protecção. O culto das aguas e nomeadamente das fontes era commum em todo o mundo ariano, e entre nós deixou reminiscencias verdadeiramente notaveis. Basta lembrar a « Fonte do leite », na Ponte da Barca, aonde uma mulher, a quem seccou o leite por qualquer motivo, vae levar uma « offerta branca », na firme esperanza de que a sua devoção será coroada do melhor exito, sem pensar na intervenção de Deus ou de qualquer santo.

*Penedos com signaes.* — Os signaes, a que alludem os roteiros, são muito variados; mas por alguns d'elles é facil de vêr que todos pertencem á categoria das gravuras em lages e rochedos, de que muitas vezes temos fallado, e que caracterizam a civilização pre-romana do nosso paiz. Assim o sol ou a lua *pintados* (gravados) em penedos, que são dados em absoluto como indicio certo de thesouros proximos, valem o mesmo que as figuras circulares, que se encontram a cada passo em Sabroso, na Citania, na Saia, etc. É o que pude colher com certeza d'um cyprianista d'Azevedo (freguezia do c. de Caminha), que me contava ter quebrado na sua propriedade uma lage, onde, além do sol e da lua, estavam tambem « pintadas » as estrellas. O sol e a lua eram gravuras circulares de differente diametro; as estrellas eram, segundo parece, covinhas (*fossettes*), a que elle dava certamente aquelle nome, por vêl-as na companhia dos dois astros. De facto as covinhas acompanham quasi sempre as figuras circulares. Penedo, em

que esteja « pintado » um gato, uma certã, etc. indica thesouro proximo. Por causa d'uma certã, que se encontra no Castro de Santa Tecla (freguezia d'Oliveira, c. de Famalicão), o terreno circumjacente ao penedo tem sido revolido muitas vezes. Os thesouros do Castro de Santagões e do Castello de Casaes, ambos no c. de Villa do Conde, estão perto d'um « gato a arranhar-se », embora eu debalde o procurasse e os guias, que prometteram mostrar-m'ó. Certo é que os signaes em penedos são feitos pela mesma mão, que construiu os Castros e as Fontes.

*Mesquitas.* — Já vimos no Freixo (Marco de Canavezes) um d'estes monumentos, chamados tambem egrejas dos Mouros, e esse basta para ficarmos entendendo o que são as mesquitas dos « roteiros ». O Freixo, antigamente Loncobrica, como se infere d'uma inscripção alli achada, era uma *briga*, um Castro, onde a cada momento estão a apparecer objectos da época luso-romana. A mesquita são restos d'uma construcção da mesma epoca, e que só uma exploração minuciosa poderia mostrar, se sim ou não foi um templo pagão. Algumas vezes as egrejas dos Mouros são relativamente modernas; mas pôde muito bem ser que occupem o logar d'um santuario pagão. Talvez esteja n'este caso a de S. Christovão (perto de S. Julião do Freixo), que se encontra no meio d'um Castro abandonado.

*Marcos fincados.* — Os thesouros tambem apparecem no meio d'um recinto, limitado por « marcos fincados », 4, 5 ou mais. N'estes marcos fincados vemos nós restos d'antas, despojadas das suas respectivas mesas.

*Covas cobertas por pedras.* — É quasi claramente designar as antellas, que são sempre tampadas por pedras postas de travez sobre a sepultura.

*Madorras.* — Madorras e mamóas são termos synonymos. São um monticulo de fôrma mamillar, que cobria as antas e as antellas — monumentos funerarios, contemporaneos dos Castros.

*Caixões forrados de tijolo.* — Evidentemente sepulturas eguaes ás que têm sido encontradas em S. Christovão d'Abação (c. de Guimarães), Sequeiró (c. de Santo Thyrso) e n'outras partes.

*Pias; caixões em penedos.* — Tambem sem duvida alguma sepulturas abertas em rocha. A freguezia de Pias (c. de Monção) tira o seu nome, segundo dizem, d'um logar onde abundam sepulturas d'esta especie. Em Cerzedello (c. de Guimarães) conheço eu o « penedo do caixão », que deve a sua de-

nominação a uma sepultura, como as de Pias e tantas outras, cuja menção é inútil, menos a da «campa dos Mouros», não longe de Burgães (c. de Santo Thyrso), veremos logo porque.

\*

D'esta ligeira revista conclue-se que os monumentos, apontados nos «roteiros» como minas de thesouros enterrados, pertencem na sua grande maioria á civilisação pre-romana, que se prolongou, mais ou menos modificada, durante a dominação dos romanos, mas que estava totalmente extincta ao tempo da invasão arabe. É facil de vér então que a idéa de attribuir aos mouros estas mysteriosas riquezas provém d'um *quiproquo*, que os proprios «roteiros», apesar de subscreverem a ella cegamente, nos ajudam a deslindar.

Embora já no *Pantheon* tratassemos d'este assumpto com algum desenvolvimento, não nos parece ocioso voltar a elle outra vez. A fé nos thesouros escondidos e a exploração dos monumentos indigitados pelos «roteiros» actuaes, eram certissimamente cousas muito correntes entre nós, seculos antes da invasão dos arabes. Mas a quem pertenciam esses Castros já em ruinas, essas Fontes infestadas agora por demonios (as velhas divindades desthronadas), essas memorias sepulchraes, talvez povoadas de phantasmas? Aos pagãos, a uma raça de gente, que as gerações christãs se tinham acostumado a considerar como estranha e odiosa, renegando sem o saber a sua legitima ascendencia. Vieram mais tarde os arabes, que eram odiados sobretudo pelas suas crenças religiosas; muitos documentos antigos chamam-lhes claramente pagãos. Com o andar dos tempos os pagãos anteriores ao christianismo e os pagãos do seculo VIII fundem-se no nevoeiro da historia; o nome de mouros veio substituir o de pagãos que se sumiu no esquecimento, e aqui está como os mouros ficaram sendo os constructores dos Castros, das Fontes mal afamadas por lendas pagãs, dos monumentos sepulchraes dos antigos pagãos, e como todos os objectos de valor, que ahí se encontravam, se tornaram propriedade sua. Dá-se um factio quasi identico na Irlanda, paiz com que folgamos sempre comparar o nosso. Tambem na Irlanda as ruinas dos *duns*, exactamente os nossos Castros, são consideradas como propriedade d'um povo, não só estranho, mas odiado pelos filhos da verde Erin, por ser um dos invasores do seu territorio, e todavia é mais certo que os *duns*, nome e cousa, são obra dos mais puros antepassados

da nação irlandeza <sup>1</sup>. Aqui também, a nosso juízo, o equívoco não deve pouco ás crenças religiosas, que abriram um abysmo entre as gerações pagãs e christãs.

\*

Pelo que fica exposto vê-se bem de que especie podem ser os thesouros, de que os « roteiros » se occupam. Se todos elles houvessem sido reunidos, decerto nos não deslumbrariam as « tinages de diamantes e de perolas », em que os transformou a credence popular ou a velhacaria dos charlatães, mas possuiriamos uma importantissima collecção d'antiquidades da época lusitana pura e da época luso-romana, muitas d'um grande valor intrinseco <sup>2</sup>, multissimas d'um subido valor archeologico, porque ninguem porá em duvida que nos Castros, Fontes e sepulturas, tenham apparecido, como estão a apparecer ainda hoje, antigualhas innumeraveis.

Por isso dissemos que a crença popular nos thesouros occultos não era infundada; tem uma base muito real e muito positiva nos achados multiplicados, que foram quasi sempre obra do acaso, mas não poucas vezes o producto d'explorações pertinazes <sup>3</sup>.

Provavelmente foi sobre uma base identica que se construíram os « roteiros ». É bem de crêr que no principio não passassem de tradições oraes, dando conta dos logares, em que os achados foram feitos. Em seguida os especuladores apoderaram-se d'ellas, para apontarem como inexplorados os sitios que já tinham sido volvidos e revolidos, ou para as ampliar a todos os outros que tinham com aquelles evidentes analogias, sobretudo pelos famosos signaes em penedos, que lhes ficavam visinhos.

A verdade porém é que os signaes não são inventados e que os fazedores de roteiros, por mais charlatanesca que seja a sua prophacia, têm o merecimento de respeitar sempre a

---

<sup>1</sup> Vid. P. W. Joyce, *The origin and history of irish names of places*, pag. 265 e seg. Alguns dos nossos Castros continham o nome de *dun*, por ex. : Caladunum.

<sup>2</sup> De que pôde dar uma pequena amostra o famoso bracelete de Penella.

<sup>3</sup> É rara a mamôa, por exemplo, que não tenha sido rebuscada pelos exploradores de thesouros.

velha topographia tradicional; dão indicações uteis sob muitos aspectos <sup>1</sup> e ajudam-nos a decifrar alguns enigmas.

Este por exemplo. Uma das credices populares é que os thesouros podem ser encontrados *dentro de penedos*, e por mais d'uma vez um penedo com um signal «piutado» tem sido quebrado a tiro, para tirar-se a limpo a vaga tradição de estar cheio de diamantes. Mal se percebe como um absurdo d'este tamanho pôde entrar n'uma cabeça humana. As «pias e caixões em penedos», marcados por taes e taes signaes, a que frequentemente se referem os «roteiros», dão-nos a explicação do absurdo.

Estas sepulturas eram cobertas, ora com um grande lascão de rocha, ora com uma tampa de pedra faceando com a superficie do penedo, e graças à acção do tempo ficou tudo tão dissimulado, que ninguem suspeitou nunca da existencia d'aquella campa e das moedas ou de qualquer joia, que ella podia conter. Um dia um proprietario lembra-se de quebrar o penedo para tapar uma bouça, e, ao contrario dos cyprianistas, sente a maior surpresa ao encontrar dentro d'elle aquellas antigualhas <sup>2</sup>, de que a phantasia do povo fará dentro d'alguns annos perolas e diamantes.

Aqui está com certeza a origem da crença em thesouros no interior d'um penedo, e d'ahi a possibilidade da existencia d'elles em todos os «penedos dos Mouros».

Devido à precipitação, com que redigimos o artigo «Inscrições ineditas» do passado numero d'esta *Revista*, a primeira inscripção de Carqueres sahiu incompleta, quanto ao texto, e quanto às observações de que convinha acompanhá-la.

O nome da fallecida não é AMENA, mas F. AMENA. O nome proprio contem-se pois na sigla F. A leitura d'ILVXI é imposta pelo I que precede este grupo de letras, e pela quasi contiguidade da primeira haste do X com o L. Se se admite po-

<sup>1</sup> Às vezes os thesouros são indicados por inscripções que lhes ficam proximas.

<sup>2</sup> Um d'estes casos deu-se ha alguns annos em Refojos de Basto, não longe d'um Castro, conhecido com o nome de Cidade, outro em Louzada. Na sepultura de Basto appareceram algumas moedas. segundo nos affirmam, como appareceram tambem na «Campa da Moura», de que fallámos atraz.

rém que o I não passa d'um traço na pedra, que alli apparece por um accidente casual, e tem de ser eliminado como tal, occorre então naturalmente, se as letras seguintes serão letras numeræes, indicando os annos da defunta, sem embargo de faltar a sigla A, ou a abreviatura AN, ou ANN, (= annos), que costuma precedel-as — falta que não é extremamente rara. N'este caso, temos de lêr LXI = 61 (annos), considerando a ligação do L e do X tambem como casual.

A inscripção: IOVI | NISPRO | EX VOTO, não appareceu em Carqueres, como dissemos, mas na quinta de Mosteirô, em Baião.

Guimarães 31 de janeiro de 1888.

F. MARTINS SARMENTO.